

AO SOM DO AGUERÉ

Luiz Antonio Simas

Dizem os povos de terreiros que os tambores falam com as crianças, as mulheres e os homens. Cada orixá, inquice, vodum, é chamado para dançar a partir da convocação que o tambor faz. Não à toa, as rodas festeiras das casas de candomblé giram sempre no sentido anti-horário, simbolizando o retorno ritual da comunidade ao tempo dos ancestrais.

Um dos toques mais famosos dos terreiros afro-brasileiros é o agueré de Oxóssi. Misturando a cadência e a rapidez, o ritmo embala a dança do orixá da fartura, guardião dos caçadores, aquele que entra na floresta para encontrar o sustento de sua comunidade. Ao som do agueré, Oxóssi procura, escarafuncha, insiste, exerce a paciência, procura os atalhos.

Em um famoso itan, relato poético e mítico da cultura iorubá, Oxóssi teria passado muito tempo na floresta em certa ocasião, procurando o alimento capaz de fortalecer o seu povo. Depois de muita procura, quando estava desistindo, Oxóssi encontrou Orunmilá, o sábio adivinho, que consultou o oráculo e revelou o segredo: se quisesse encontrar a fartura, Oxóssi deveria procurar não a um animal da floresta, mas a si mesmo.

Tudo isso que falo sobre Oxóssi e o agueré me ocorre diante da arte de Elian Almeida e dos trabalhos dessa exposição. Partindo da diáspora baiana em direção ao Rio de Janeiro, Elian, como Oxóssi na floresta, procura os sentidos que, entre a memória e a história,

podem trazer a fartura, a possibilidade do reencontro com ele mesmo e com a sua comunidade.

Toda diáspora traz consigo a violência material e simbólica, a quebra de laços identitários, a desarticulação de redes de proteção social, a fragmentação da vida como experiência de compartilhamento com o grupo, o esvaziamento do próprio ser, que se vê apartado de sua linhagem ancestral.

Em contrapartida ao horror da diáspora, toda cultura diaspórica opera na reconstrução inventiva daquilo que se perdeu: o sentido comunitário; a ideia da vida como experiência necessariamente compartilhada em terreiros, rodas de samba, maltas de capoeira, cortejos de maracatus, afoxés, reinados, congadas, turmas de bate-bolas, blocos de carnaval, esquinas suburbanas, festas de santos, rodas de rima, irmandades, escolas de samba.

O passado é nebuloso, o crime da escravidão sequestra a história, apaga os traços peculiares de cada rosto, esconde nomes e linhagens. Nas frestas do horror, todavia, a memória é tecida, as lembranças são bordadas, a vida se rearticula em mesas fartas regadas a azeite de dendê e risos fartos. Não se faz festa, afinal, porque a vida é boa, mas pela razão inversa.

Na arte de Elian Almeida, ressoam tambores que parecem dizer ao povo da aldeia: povo de Ketu, se abracem! O rei encontrou a caça e está voltando para casa.